



GASTÃO WAGNER

“O crescimento dessas epidemias se dá pelas condições urbanas favoráveis ao mosquito e desfavoráveis aos seres humanos.”

Gastão Wagner de Sousa Campos

Em defesa da saúde da população, contra as arboviroses, o SUS

No contexto atual, quando a sociedade brasileira tenta conter a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*, visando frear o surto do vírus zika e as epidemias de dengue e chikungunya, o médico sanitário Gastão Wagner de Sousa Campos – professor titular do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp e presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) – aborda, em entrevista ao Boletim da FCM, aspectos relacionados à saúde pública no Brasil e seu principal protagonista: o Sistema Único de Saúde (SUS). Tendo ocupado os cargos de secretário de saúde da prefeitura de Campinas (2001-2003) e secretário executivo do Ministério da Saúde (2003-2005), Gastão é referência nacional em temas como saúde coletiva, democratização e gestão de instituições públicas de Saúde.

FCM Unicamp - Que tipo de respaldo a população brasileira tem para lidar com as questões de saúde?

Gastão Wagner - Nós temos algo muito forte ao nosso favor que é a existência do SUS. Apesar de algumas crises e diversos problemas, muitas coisas foram feitas e funcionam no âmbito do SUS, como os hospitais universitários e os laboratórios públicos, instituições de pesquisa como a Fiocruz e o Butantã, e toda a rede de Atenção Básica, que abrange quase que 50% da população, por exemplo.

FCM Unicamp - Em quais áreas ou setores o SUS apresenta melhores resultados?

Gastão Wagner - O SUS tem uma estrutura muito grande. A área do SUS que melhor funciona é, exatamente, a de saúde pública, que cuida da promoção e prevenção da saúde, que é a área de Vigilância à Saúde. Nosso programa de vacinas é muito bom, tem uma cobertura muito grande,

é gratuito e atende crianças, adultos, gestantes e idosos, para as principais doenças infecciosas. A Vigilância Sanitária, que regula o uso de medicamentos, agrotóxicos e questões voltadas ao meio ambiente, é razoável, se compararmos a outros países. Nosso padrão é parecido com o europeu. A área que atua no campo das doenças epidemiológicas também é boa. Temos muitos aspectos positivos no SUS, não é a toa que a nossa política de controle da aids é melhor do mundo.

FCM Unicamp - E quais são os problemas do SUS?

Gastão Wagner - Nós temos problemas que estão fora do SUS, que são as condições de vida da população, sobre as quais, não conseguimos intervir. Mesmo com o aumento da renda e da escolarização da população, nos últimos 20 anos, o padrão de urbanização no país ainda é muito ruim. Cerca de 40% dos bairros e moradias no Brasil estão em condições inadequadas ou inapropriadas, não possuem coleta de lixo, captação ou tratamento de esgoto. Temos um transporte público ruim e um consumo excessivo de transporte individual.

FCM Unicamp - Por esse raciocínio, fatores externos ao SUS também impactam no controle de doenças como dengue, zika e chikungunya?

Gastão Wagner - Exatamente. O crescimento dessas epidemias se dá pelas condições urbanas favoráveis ao mosquito e desfavoráveis aos seres humanos. Tais fatores precisam ser levados em conta.

FCM Unicamp - Mas, por outro lado, também tem o papel da saúde pública...

Gastão Wagner - Sim. O SUS não tem conseguido controlar o

Aedes aegypti. Nós não temos vacina, numa realidade em que a maior parte da produção de vacinas é pública, feita no Brasil por instituições como Butantã e a Fundação Osvaldo Cruz.

FCM Unicamp - E por que fica a impressão de que não avançamos nessa questão?

Gastão Wagner - Primeiro porque a Saúde Pública não consegue intervir nessas condições urbanas que já referi, principalmente nas áreas de saneamento básico, coleta de lixo e reurbanização, que transcendem à saúde pública. Outra dificuldade estrutural é a fragmentação do Sistema Público de Saúde. Você tem um SUS Federal, dezenas de SUS estaduais, e mais 5.400 unidades municipais. Isso dificulta a realização de uma ação integrada, contínua e coordenada de controle do principal transmissor dessas doenças, que é o mosquito.

FCM Unicamp - Qual o peso do conhecimento científico nesse cenário?

Gastão Wagner - Nós temos uma estrutura razoável de investigação. O Brasil tem investido muito em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento de vacinas contra a dengue e testes diagnósticos. Essas são ações importantes, mas a comunidade científica, de modo geral, no mundo todo, ainda não conseguiu desenvolver uma vacina ou um antiviral para esses arbovírus.

FCM Unicamp - Podemos enquadrar a situação dos arbovírus dentro do conceito de doenças negligenciadas?

Gastão Wagner - Sim, quase todas essas doenças são negligenciadas, ou seja, não interessam à indústria farmacêutica porque a rentabilidade é muito baixa.

FCM Unicamp -

Como o senhor

encara o trabalho realizado pela mídia na divulgação de epidemias como dengue e zika?

Gastão Wagner -

É preciso

analisar caso a caso. A mídia

tende ao

sensacionalismo,

evidenciando o lado mais negativo das coisas, por

vezes, misturando questões de ordem político-

partidária, responsabilizando os governantes. Tem

uma dimensão demagógica e de desinformação, mas

tem um lado que é positivo. A relação entre produção

científica, estratégias de saúde pública e o jornalismo

é muito importante. As pessoas precisam ser

informadas.

FCM Unicamp - Mas o excesso de informação não geraria desinformação ou pânico desnecessário?

Gastão Wagner - O que está acontecendo com o vírus zika é muito parecido com o que aconteceu com a aids na década de 1980. As comunidades, científica e médica, ainda não têm informação suficiente, mas é bom informar, pois são doenças graves e a população precisa ter conhecimento disso. São informações que não podem ser negadas. Existem distorções e alarmismos, mas se existe um novo vírus circulando, as pessoas precisam saber e buscar atendimento. O SUS cresceu muito, mas ainda não cresceu o suficiente. Temos filas imensas nos postos de saúde e hospitais. As pessoas esperam horas por atendimento. Isso causa muito mais sofrimento do que a mídia. 🏠

Entrevista concedida à jornalista **Camila Delmondes**
Assessoria de Relações Públicas e Imprensa da FCM, Unicamp